

## A – B TEMPO DE DESSINCRONIZAÇÃO

Francisca Torres

“É verdadeiramente contemporâneo aquele que não coincide perfeitamente com este (com o seu tempo), nem está adequado às suas pretensões e é, portanto, nesse sentido, inactual; mas, exactamente por isso, através desse deslocamento e desse anacronismo, ele é capaz, mais do que outros, de perceber e aprender o seu tempo.”

Giorgio Agamben

- (A) Academia
- (B) Profissão

### (A – B) Tempo de (in)definição

Há uns meses atrás, depois de uma ausência de quase três anos, voltei a entrar no Convento de São Francisco, na *minha* universidade, a Faculdade de Belas-Artes. É inevitável o sentimento de nostalgia quando revisitamos lugares que nos marcam, que são testemunho de uma etapa que só em certa medida poderia definir como “formação profissional”. Na verdade, o universo de questionamento, reflexão e crítica de valores de que fiz parte nesses anos foram determinantes para o modo como vejo, estou e penso este *tempo de agora*, a contemporaneidade da minha existência, e claro, a realidade da nossa profissão — o design de comunicação — neste contexto.

A distância necessária para compreender na sua totalidade este espaço de tempo — entre o terminar de um ciclo de estudo e o começar de um ciclo profissional (a chamada “entrada no mercado de trabalho”, expressão que me dá um certo desconforto) — é ainda muito curta. Apenas sei que o que sempre me moveu até agora foi uma inquietação constante e uma (difícil) procura da prática de design que se aproxima à minha forma de

entendê-la: um investimento de intelecto, talento e criatividade num *processo projectual* que tem como elemento fundamental uma *mensagem que se quer comunicar*, e que se desenvolve segundo um *questionamento*, uma experiência aberta de *tentativa-erro*, até ao encontro da melhor (ou que consideramos mais pertinente) forma de *comunicá-la visualmente*, tendo em conta os diferentes media utilizados. Ainda mais importante que a comunicação eficaz da mensagem em si, está a comunicação do *valor* contido nessa mensagem.

Seguramente que algum leitor deste ensaio reconhecerá nas palavras-chave deste discurso a atitude que está tão vinculada ao design que se instiga nas Belas Artes, e seguramente também existirá o leitor que esboçará um esgar ou um revirar de olhos para a “cantilena utópica” que aqui estou a proclamar. *Valor da mensagem? Questionamento? Tentativa-Erro? Comunicação pertinente?* Mas o tipo só quer vender hambúrgueres!...

Tentarei em seguida justificar-me segundo a minha curta experiência laboral.

Da P28<sup>1</sup> ao Folch Studio<sup>2</sup>, de Lisboa a Barcelona, encontrei sempre a dificuldade de conjugar de uma forma harmoniosa os conceitos que enunciei anteriormente — sempre existe algum de que se prescinde ou se valoriza demasiado — sendo que os factores *tempo* e a figura (imprescindível) do *cliente* são também acrescentados à equação na realidade profissional.

Na P28, quase sem me aperceber, fui apresentada ao pequeno mundo da Arte Contemporânea, da curadoria e da implementação de projetos artísticos de baixo orçamento (para não dizer nenhum, se “ignorarmos” o apoio privado) em território português. Deparei-me por um lado com a lentidão e apatia do sistema, dos avanços e recuos na tomada de decisões, no receio de apostar em projetos que fogem à regra, e por outro lado nos resultados positivos e enriquecedores de uma atitude perseverante e proactiva, que a cada projeto realizado vai ganhando

reconhecimento e relevância, abrindo cada vez mais facilmente o caminho para a experiência de novas dinâmicas culturais.

No Folch Studio, encontro-me no ambiente peculiar de um atelier que ganhou prestígio no mundo editorial, sendo que é quase sempre a partir de um encargo desta natureza que se desenvolve o design corporativo, audiovisual, web, etc. Um estúdio também que encontra o seu equilíbrio num registo de concretização de projetos pessoais – os que reúnem as condições perfeitas (na mente do designer, apesar de na realidade não ser bem assim) pela liberdade e domínio total sobre todo o processo de design, desde o conceito ao objecto final. No entanto, e cada vez mais me convenço disto, não existe o atelier perfeito.

Hoje (quase que o escrevo como forma de desabafo) passei o dia a desenvolver “conceitos” para uma grande marca de moda de luxo (a pouco e pouco comecei também a absorver responsabilidades como *copywriter*), palavras vazias como “elegance with a twist” ou “exquisite and unique universe” inseridas numa apresentação em que coerentemente ressaltava a única, singular e infinitamente desejável (embora obsoleta) imagem desta marca. No entanto, e não contendo a minha revolta ao final do dia, aprendi que esta realidade oculta e mercenária é a que alimenta os tais projetos mais alternativos e desafiantes que figuram no nosso portfolio. Assim encontro o motivo para respirar fundo, prometendo a mim mesma que no meu atelier “futuro e perfeito” isto jamais acontecerá. Terei que esperar para ver.

Finalmente chego à conclusão de que vivo num tempo de indefinição. Um tempo de uma certa sensação de desconforto, e ao mesmo tempo de grande expectativa. Um tempo de *indefinição* no mais amplo sentido da palavra: *indefinição* pela confrontação de valores de duas realidades distintas (a profissional e a académica), *indefinição* pela minha condição de emigrante, que sinto verdadeiramente ser efémera e temporária, *indefinição* pela procura do meu lugar num mundo e numa atividade de limites pouco claros

(a desterritorialização consequente de um mundo de cultura e economia globais como nos fala Appadurai<sup>3</sup>), *(in)definição* – em definição – por compreender que é ainda o tempo de moldar uma forma, de experimentar, de preferir a imprevisibilidade da pergunta à segurança da resposta estabelecida.

(A) Portugal de Abril

(B) Portugal de Hoje

#### (A – B) Tempo de inquietação

Há tempos li o livro *The Italian Avant-Garde, 1968-1976*<sup>4</sup>, uma compilação de ensaios/entrevistas sobre o movimento de vanguarda italiano associado ao Maio de 68, com a arte, o design e a arquitetura como reflexo das ideias (muitas delas radicais) e das novas concepções de estilos de vida que surgiam como contestação a uma situação de crise a todos os níveis (política, económica, cultural e social), inevitavelmente influenciadas também pelo modelo comunista encontrado nas leituras de Marx.

Não é difícil ver semelhanças com o tempo de crises que hoje vivemos. Sabemos que as premissas não são as mesmas, e a sua complexidade atinge também outra escala – a *global*. No entanto, é também lógico assumir que as crises de agora e as crises do passado convergem numa só crise: a de valores. São eles – os valores – que estão na base da construção de qualquer civilização, modelo social ou filosofia de vida. É deles que nos lembramos e questionamos quando finalmente se confirma a (por vezes bastante previsível e anunciada) *crise*.

Voltando ao livro, há um ensaio que gostaria de mencionar aqui, em que o grupo de designers holandeses *Experimental Jetset* comenta a linguagem gráfica do designer italiano Ettore Vitale, associada aos valores socialistas da época e aos objetos gráficos que desenvolveu para o partido socialista italiano. À primeira vista, a estética que utiliza é coerente com os cânones que lhe eram contemporâneos, mas ainda assim tem uma profundidade conceptual e um domínio da semiótica fora

de série, que se expressava em simples composições gráficas (na melhor conotação possível que se possa atribuir à palavra *simples*) onde a ideia impressa, as diferentes “camadas de significado”, ganhavam uma força e uma identidade arrebatadoras. Esta questão da identidade (gráfica) associada a uma ideologia é hoje assustadoramente pobre, o que talvez seja já um sintoma dos tempos que correm. Seja de esquerda ou de direita, a linguagem de qualquer partido baseia-se no culto do candidato e das personalidades que lhe estão associadas. O retrato varia; pode estar a mão a apoiar a cara, ou o olhar sério e concentrado; a cor do fundo depende do próprio partido, mas também não foge muito do laranja, verde, azul e vermelho. Como é que é possível comunicar diferentes valores e visões de futuro se todos os partidos “falam” da mesma maneira? Onde se distinguem?

Nos *tête-à-tête* televisivos? Nos comícios? Nas redes sociais?... Sim. Mas ao contrário do carácter efémero e transitório destes *media* (não tirando o seu enorme poder pela eficácia e rapidez de difusão, bem como pelo alcance global que podem atingir), a matéria impressa continua a ser uma das mais poderosas ferramentas de comunicação exatamente por hoje representar uma desaceleração: permitir um espaço e um tempo de introspecção essenciais para uma análise e reação mais premeditadas. Ao mesmo tempo, a impressão – o ato mecânico, o momento de registo e a distribuição do mesmo – eram em si um movimento que juntava pessoas, criava diálogos abertos num circuito mais alternativo, que aproximava e contrastava diferentes formas de ver, inseridas num ambiente de pensamento crítico e ação muito emocionantes e produtivos.

Este ambiente existiu no nosso 25 de Abril, onde o design de comunicação desempenhou um papel fundamental e deixou um testemunho da mudança que se proclamava. A matéria impressa também tem *memória*.

Agora é mais difícil conseguir reproduzir um momento assim, digo um momento de grande união

e esperança pelo futuro. Somos agora esse futuro, e questionamo-nos sobre o que correu mal no percurso que seguimos desde aí. Qual a relevância do designer neste contexto? Estamos revoltados, cansados, desiludidos com o Portugal que vimos prosperar na Europa (e de certa forma também nos iludimos), e que agora se vê afundar com ela. Temos ecrãs a definirem o limite entre o *eu* e o *outro*, queremos e partilhamos a nossa indignação, mas até que ponto é assimilada? Estas são algumas das inquietações que tenho, ao observar desde fora o *tempo de agora*. E é então que surge uma vontade de não ser simplesmente uma espectadora – de não ser *estrangeira* no meu próprio país. Este é o *meu* tempo, temos outro imediatamente atrás e outro imediatamente à frente para procurarmos as nossas respostas.

(A)  
(B)

#### (A – B) Tempo que falta

Stuart Bailey, no seu ensaio “A note on the time”<sup>5</sup>, chega à seguinte conclusão:

*Time can ONLY be measured by MOVING.*

Este conceito de *tempo* - o visível, experiencial, quantificável – tem uma natureza puramente tecnológica: compreendemos que é no período de deslocamento entre uma coordenada A a uma coordenada B (que tanto pode representar dois instantes, dois lugares, um ciclo, uma Era...) que um aparelho tecnológico (o relógio), movido por energia (o motor) nos permite visualizar o “tempo que passa” – como um personagem que vemos caminhar na rua e nos acena ao longe. No entanto, esta concepção tecnológica de algo tão abstracto como o tempo também não poderia ser mais humana. Ao tempo damos ritmo, rituais, costumes, nomes. O tempo nunca nos chega, quando na realidade não existe. O tempo faz-nos reagir. O tempo é a nossa existência.

Entre A e B há outros tempos. Há aquele que parece não bater certo no momento, mas que depois define um novo compasso. É nesse tempo dessincronizado que iremos sempre encontrar o designer.

#### Notas:

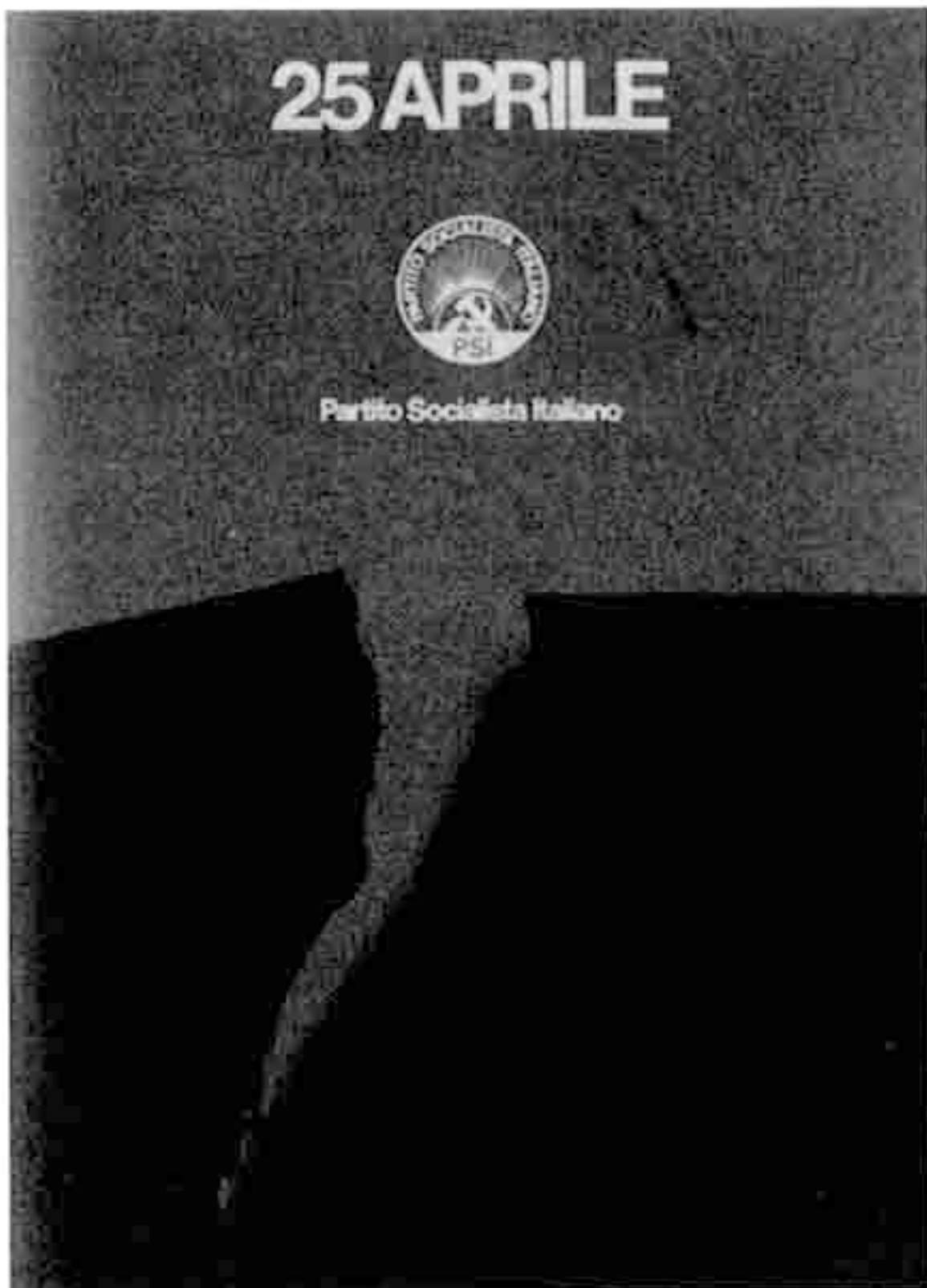
<sup>1</sup> P28 – Associação para o Desenvolvimento Criativo e Artístico sediada no Hospital Júlio de Matos, fundada por Sandro Resende e direcionada para o desenvolvimento de projetos no âmbito da arte pública/ arte contemporânea/arte bruta.

<sup>2</sup> Atelier de Design de Comunicação ca0talão, fundado por Albert Folch em Barcelona.

<sup>3</sup> Appadurai, Arjun; *Disjuncture and Difference in the Global Cultural Economy*, 1990

<sup>4</sup> EP VOL.1 The italian Avant-Garde, 1968-1976, Sternberg Press, 2013

<sup>5</sup> *Dexter Sinister: A note on the time*, Bulletins of The Serving Library #1, Sternberg Press, 2011



25 Aprile, Ettore Vitale, 1973

## A - B

### TIME OF DESYNCHRONIZATION

Francisca Torres

“Truly contemporary is that who does not perfectly coincide with this (with his time), nor feels appropriate in the scope of his own pretensions and is, therefore, outdated; but that is exactly why, through this dislocation and anachronism, he is capable, more than others, of understanding and learning his time.”

Giorgio Agamben

#### (A) Academics

#### (B) Profession

#### (A — B) Time of (in)definition

A few months ago, after an absence of nearly three years, I returned to the Saint Francis Convent, my university, the Faculty of Fine-Arts. It's inevitable to acknowledge the feeling of nostalgia when we visit a place that has meant so much and has been a part of a phase that can only be defined as “professional training” up to a certain extent. The reality is that the universe of questioning, critic and reflection of values that I was a part of in those years were determining of the way I now see, am and think in this time of now, the contemporaneity of my existence and of course, the reality of our profession — communication design, as presented in this context.

The necessary distance in order to understand the totality of this period of time — between finishing an academic cycle and beginning a professional one (the so called “entrance in the work market”, a quite discomforting expression) — is still rather short. I now know only that what has always moved me so far is a constant restlessness and a (difficult) search for a design practice that somehow approaches the way I understand it should be: a investment of the intellect, talent and creativity in a *project process* that holds